

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DIGITAL: UM RETRATO DO TRABALHO DOCENTE NO CONTEXTO PANDÊMICO NO MUNICÍPIO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES-RJ

Ananda Dias Barcelos (UENF)

anandadibarcelos@hotmail.com

Bianca Amaral Freitas (UENF)

bianca.uenf@gmail.com

Flávia Lopes Barbosa Siqueira (UENF)

flavia.lbsiqueira@gmail.com

Raquel França Freitas (UENF)

raquelfreitas@hotmail.com

RESUMO

Sabe-se que o atual contexto pandêmico causou um grande impacto para todos os profissionais, inclusive para aqueles que atuam na área da educação, fazendo-se assim necessário rever o modo de como alfabetizar e tornar letrado os discentes do ciclo alfabetizador. O presente artigo tem como objetivo analisar como vem sendo feita a alfabetização e o letramento digital no atual contexto de distanciamento no Município de Campos dos Goytacazes-RJ, assim como os desafios enfrentados pelos alfabetizadores para atender essa demanda. Para a realização deste trabalho, utilizamos como suporte teórico Soares (2004), Coscareli (2005) e Freitas (2010). A metodologia utilizada para a elaboração deste artigo é de base quali-quantitativa, respaldada em pesquisas bibliográficas e entrevistas com questões semiestruturadas, tendo como público-alvo educadores que atuam na alfabetização do município em questão. Pretende-se com esta análise, identificar propostas de intervenção com o intuito de facilitar o processo de ensino-aprendizagem no âmbito tecnológico.

Palavras-chave:

Alfabetização. Pandemia. Letramento Digital.

ABSTRACT

It is known that the current pandemic context has had a major impact for all professionals, including those working in the area of education, making it necessary to review how to literate and literate students in the literacy cycle. This article aims to analyze how literacy and digital literacy has been carried out in the current context of distance in the Municipality of Campos dos Goytacazes-RJ, as well as the challenges faced by literacy teachers to meet this demand. To carry out this work, we used Soares (2004), Coscareli (2005) and Freitas (2010) as theoretical support. The methodology used for the preparation of this article is based on a qualitative and quantitative basis, supported by bibliographic research and interviews with semi-structured questions, with the target audience of educators working in the literacy of the municipality in question. With this analysis, it is intended to identify intervention proposals in order to facilitate the teaching-learning process in the technological scope.

Keywords:
Literacy. Pandemic. Digital Literacy.

1. Introdução

Sabe-se que a informação é um componente essencial no processo de se comunicar, constituindo-se de um conjunto de elementos organizados que devem fazer sentido e significado acerca de um determinado assunto. Ainda, a informação pode ser uma forma de comunicação, podendo ser transmitida via qualquer transporte. Nesse sentido, as informações podem e devem ser transmitidas via dispositivos eletrônicos de forma plena e eficaz.

O ano de 2020 foi marcado por uma pandemia causada pelo vírus COVID-19, que acabou afetando muitos setores, inclusive o setor educacional. Por conta desse grande problema, escolas, pais, professores e alunos tiveram que se reinventar frente aos novos desafios. Essa pandemia trouxe muitas consequências e para evitar mais transtornos, a solução mais viável foi propor o isolamento social, consequentemente, as aulas presenciais foram suspensas. Nesse sentido, como alternativa imediata, surgiram as aulas remotas, que aconteciam de forma síncrona e/ou assíncrona.

Outro fator relevante é que os dispositivos eletrônicos foram grandes auxiliares dentro desse contexto pandêmico, uma vez que supriam as necessidades, como manter as aulas a distância. Contudo, essas medidas adotadas foram imediatas, não foi possível preparar muito bem os indivíduos envolvidos. A partir de tal situação, surge a seguinte questão-problema: quais são os conhecimentos que os professores alfabetizadores possuem quanto ao uso das tecnologias no ambiente escolar, particularmente no que se refere ao Letramento Digital?

De tal questionamento, traçou-se o objetivo geral de revelar como os docentes vêm realizando a alfabetização e o letramento digital no município de Campos dos Goytacazes-RJ considerando o atual contexto. Assim como as dificuldades encontradas por eles ao desempenhar o seu papel. A partir desse intento, alguns objetivos específicos tornam-se relevantes, como: 1) Apresentar as concepções de Letramento Digital no âmbito educacional; 2) tecer considerações acerca do processo de alfabetização; 3) analisar as práticas docentes dos alfabetizadores de Campos dos Goytacazes-RJ em tempos de pandemia.

O método utilizado para elaboração deste trabalho foi de base quali-quantitativa, fundamentada em pesquisas bibliográficas. Posteriormente foram realizadas entrevistas estruturadas, tendo como público-alvo educadores que atuam na alfabetização no município de Campos dos Goytacazes-RJ.

Ademais, a pesquisa justifica-se pelo fato de trazer à tona considerações acerca do atual contexto de ensino, viabilizado através de ferramentas eletrônicas e refletir sobre a importância do Letramento Digital no processo de alfabetização.

O desenvolvimento do trabalho iniciamos com contemplações sobre a alfabetização, bem como seu surgimento e seus impactos para a sociedade. Na sequência, discorreremos acerca do Letramento Digital, apresentando seus conceitos e sua importância na educação. Por fim, mostramos, a partir de uma entrevista estruturada, as concepções de ensino dos professores alfabetizadores de Campos dos Goytacazes-RJ frente aos novos desafios trazidos pela pandemia.

2. Alfabetização

A aprendizagem sistemática da leitura e escrita são os objetivos fundamentais do processo de alfabetização. Com os avanços da ciência e novos estudos linguísticos e cognitivos voltados para esta fase fundamental de aprendizagem, houve uma distinção entre alfabetizar e letrar os estudantes, termos os quais diferem-se tanto nos seus objetos de conhecimento, quanto no ensino deles. Entretanto, mesmo que tenham conceitos distintos, são práticas interdependentes, complementares e cada educador precisa ter consciência disto. Neste primeiro momento, iremos tratar a respeito do conceito, desafios e importância da alfabetização no desenvolvimento do estudante.

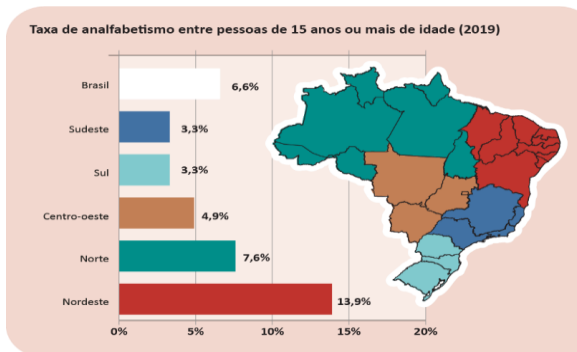
Etimologicamente, contamos com a utilização do termo “alfabetização” como “levar à aquisição do alfabeto”, ou seja, consiste nos meios que o docente utiliza para ensinar o aluno a codificar a língua oral, processo representado pelo ato de escrever, e decodificar a língua escrita, representado pelo ato de ler. Soares, na sua obra “alfabetização e letramento”, aborda também sobre a confusão que pode ocorrer ao tratar destes dois importantes processos e deixa claro que temos dois objetivos diferentes e complementares: a aquisição e o desenvolvimento da aprendizagem da língua materna. Enquanto a alfabetização está responsável

pela aquisição à leitura e escrita, a prática do letramento está concentrada em desenvolver técnicas e estratégias para ler e escrever, compreender gêneros textuais e, o principal, o entendimento do discente de para que servirá, na sua caminhada como cidadão, aquele conhecimento adquirido.

De acordo com Soares (2020), “A alfabetização seria um processo de representação de fonemas em grafemas (escrever) e de grafemas em fonemas (ler) (...)”. Nesta fase, a criança passa por processos distintos, linguísticos e cognitivos na tentativa de reconhecer os sons da língua com as letras as quais são representadas por desenhos.

Durante a década de 1980, houve um grande crescimento dos estudos voltados para a fase em que as crianças são alfabetizadas e as indagações perduram até os dias atuais. A preocupação está voltada à alta taxa de analfabetismo e aos desafios persistentes encontrados pelos alfabetizadores. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), em 2018, a taxa de analfabetismo no Brasil era de 6,8% da população brasileira e em 2019 foi estimado em 6,6%, correspondente a 11 milhões de pessoas analfabetas. Certamente, houve uma diminuição na taxa que representa pouco mais de 200 mil pessoas, embora seja um número irrisório comparado a grande quantidade de pessoas as quais não dominam sistemicamente a leitura e a escrita no Brasil. Em ordem crescente de analfabetismo, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apresentou um gráfico correspondente as taxas em cada região do país, como demonstra a Figura 1.

Figura 1: Taxa de Analfabetismo entre pessoas de 15 anos ou mais de idade.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios Contínua, 2012–2019.

Nas últimas duas décadas, não foram obtidos progressos relevantes a respeito das práticas alfabetizadoras, o que nos leva a refletir sobre este fracasso em alfabetização. As altas taxas que comprovam esse atraso educacional fazem com que muitos educadores acreditem que o problema está na ênfase em ensinar as crianças a correlacionarem letras e sons, mesmo que seja necessária a utilização de cartilhas com esta finalidade. Outros profissionais já acreditam que esta abordagem está fora de contexto e que estão desprezando o fato de que os estudantes já chegam na sala de aula com conhecimentos sobre a escrita, mesmo que básicos. Na verdade, os dois argumentos são verdadeiros porque os discentes aprendem a ler e a escrever quando eles possuem o contato com a leitura e a escrita no seu cotidiano. Além disso, é importante respeitar os processos de desenvolvimento, a cultura e a linguagem de cada criança. Porém, a escola cobra resultados aos professores, e estes pressionados acabam cobrando dos alunos de uma forma muito mecânica um conhecimento, à primeira vista, muito abstrato. Se pararmos para pensar que a humanidade levou milhares de anos para descobrir que somos realmente capazes de representar, visualmente, os sons da fala, fica fácil compreender que cada criança terá seu ritmo de aprendizagem e que o alfabetizador (a) precisa levar em consideração os processos da leitura e utilizar recursos diversos para alcançar o seu objetivo.

Antes da elaboração da Base Nacional Comum Curricular, o ciclo alfabetizador era compreendido como os três primeiros anos iniciais do Ensino Fundamental I. Atualmente, segundo a BNCC, o estudante precisa completar o segundo ano do Ensino Fundamental plenamente alfabetizado. Uma das principais importâncias desse ciclo é a sua função social, possibilitando ao cidadão uma posição mais consciente, crítica e assertiva na sociedade e na participação nos atos sociais que envolvem a cultura escrita. Ademais, é necessário enfatizar que estar alfabetizado não se refere a uma condição, mas sim a um direito o qual todo cidadão possui.

3. *Letramento Digital*

No contexto educacional, as TDIC's vêm sendo incorporadas nas práticas docentes como uma nova ferramenta no processo de ensino aprendizagem. Sabe-se que este assunto ainda diverge muitas opiniões entre pesquisadores na área das TDIC's, pois alguns desafios ainda precisam ser superados para a inserção dessa metodologia em sala de aula. Há uma enorme preocupação a respeito dessa nova realidade, visto que a

escola enquanto instituição social necessita caminhar junto aos avanços da sociedade atual. Nesse sentido, temos o papel do professor como principal autor frente às Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação na escola, pois é necessário que ele saiba não só utilizar recursos básicos tecnológicos, mas também seja capaz de analisar e compreender criticamente esse universo, bem como orientar os discentes a respeito do uso crítico e consciente dos meios digitais na Era da Informação.

A partir disso deve-se ter em mente que a escola possui uma responsabilidade social neste cenário. Precisamos que os profissionais na área da educação desenvolvam habilidades necessárias para exercer seu papel com êxito, participando da formação do aluno neste processo, fazendo com que eles consigam utilizar os benefícios das TDIC's dentro de sala de aula e também aproveitem o tempo que passam conectados de forma favorável. Os alunos que temos hoje em sala de aula muitas vezes são chamados de nativos digitais, pois subentende-se que por terem nascido na era digital, já cresceram cercados por diversos tipos de tecnologias. Partindo desse princípio, Prensky (2001) afirma que:

Os alunos de hoje – do maternal à faculdade – representam as primeiras gerações que cresceram com esta nova tecnologia. Eles passaram a vida inteira cercados e usando computadores, videogames, tocadores de música digitais, câmeras de vídeo, telefones celulares, e todos os outros brinquedos e ferramentas da era digital. (PRENSKY, 2001)

Diante desse pressuposto entende-se que os “nativos digitais” já são letrados digitais, porém é necessário atentar-se para essa generalização, visto que vivemos em um país com enorme desigualdade social, no qual sabemos que nem todos possuem acesso, familiaridade ou tão pouco sabem utilizar de forma adequada as tecnologias digitais. Mas afinal, o que é letramento digital? Soares (2002) destaca que há modalidades de letramentos e não apenas letramento, ou seja, “diferentes espaços de escritas e diferentes mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita resultam em diferentes letramentos.” (SOARES, 2002, p. 156). Entende-se por letramento digital um conjunto de habilidades adquiridas e desenvolvidas por um determinado sujeito para o uso estratégico e crítico das tecnologias. De acordo com Coscarelli (2005), o letramento digital apresenta uma grande importância para a formação do indivíduo, seja no âmbito social, cultural ou intelectual.

Dessa forma, podemos discorrer o letramento digital sob a perspectiva do professor e as práticas pedagógicas. Coscarelli (2005) afirma que é necessário que os professores estejam preparados para esse novo

cenário, de forma que aprendam a trabalhar com recursos básicos, bem como planejá-los e executá-los em sala de aula. Considera-se indispensável que os professores sejam letrados digitais, porém julga-se que esse conhecimento vai além do uso de recursos básicos para que de fato tenhamos um diálogo de sucesso entre as tecnologias e as práticas pedagógicas. Os professores precisam conhecer os gêneros discursivos e linguagens digitais que são usados pelos alunos, para integrá-los, de forma criativa e construtiva, ao cotidiano escolar. (FREITAS, 2010, p. 340). Desse modo deseja-se, que professores e alunos sejam letrados digitais, isto significa que precisamos de professores e alunos que se apropriem das tecnologias de forma significativa e que saibam utilizá-las criticamente.

Este assunto em questão encontra-se em destaque devido às mudanças que ocorreram no ano de 2020 e o momento atípico que estamos vivenciando. A pandemia trouxe grandes transformações no cotidiano escolar, bem como desafios para professores, alunos e familiares. Neste novo cenário muitos educadores tiveram que se reinventar e se adaptar a modalidade do ensino remoto. Em virtude disso, o uso das tecnologias, bem como o letramento digital dos profissionais da educação básica e dos discentes vem sendo discutido por diversos especialistas, uma vez que tanto os professores quanto às instituições encontram dificuldades para adaptar-se a esse novo modelo de ensino.

4. Análise dos dados coletados

Esta análise tem por objetivo principal revelar como os educadores vêm desenvolvendo o processo de ensino–aprendizagem considerando o atual contexto pandêmico, assim como, sua adaptação ao ensino remoto. Foram realizadas entrevistas estruturadas através do *Google Forms*, tendo como público-alvo educadores que atuam na alfabetização da rede pública e privada no município de Campos dos Goytacazes-RJ. Ao todo, foram 7 professores do ciclo alfabetizador (1º, 2º e 3º ano) entrevistados. Entende-se que o número é pequeno, mas muitos professores não quiseram responder às perguntas. A análise de dados configura-se numa fase importante da pesquisa, onde fundamentam-se as questões abordadas. De acordo com as entrevistas realizadas com os professores do ciclo alfabetizador, pudemos constatar que a maioria deles não possui o domínio dos recursos digitais e apresentam bastante dificuldades no que diz respeito às tecnologias utilizadas, visto que não foram preparados

para tal. Nota-se também uma grande diferença na qualidade de ensino entre a rede pública e privada. Percebe-se que enquanto a rede privada oferece aulas síncronas, podendo oferecer maior atenção ao aluno, a rede pública vem oferecendo apenas atividades assíncronas. Essa questão torna-se um fator extremamente excludente como relata uma professora, por exigir recursos que muitos não têm disponíveis. Outro ponto exposto pelos professores é quanto ao despreparo dos pais para auxiliar os estudos de seus filhos, pois muitos não possuem instrução necessária para realizar essa tarefa. Uma vez que foi uma medida emergencial mediante a situação.

O processo de alfabetização vem ocorrendo por meio digital, mas sempre com atividades propostas em apostilas, impressas, elaboração de projetos, e atividades lúdicas para o complemento dos conteúdos explorados. Embora muitas vezes não seja possível que os professores ajudem seus alunos, por não estarem em contato como na aula presencial, eles têm feito o máximo para que sejam sempre sanadas as dificuldades, mandando diariamente vídeos explicativos, leituras, desenhos animados, músicas, tudo aquilo que eles encontram que possa de alguma forma facilitar a compreensão do que está sendo proposto e, até mesmo em constante contato por meio do *WhatsApp*.

Visto que estamos vivendo em um contexto pandêmico, a entrevista teve que ser coletada virtualmente. Foram realizadas sete perguntas que dialogavam com a temática aqui proposta, bem como o letramento digital e alfabetização. Para que a transcrição ficasse mais estruturada, criamos uma legenda:

P1: Professor 1

P2: Professor 2

P3: Professor 3

P4: Professor 4

P5: Professor 5

P6: Professor 6

P7: Professor 7

A partir dos estudos bibliográficos, formulamos os seguintes questionamentos:

Figura 2: Primeira pergunta da entrevista.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2020).

Figura 3: Segunda pergunta da entrevista.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2020).

3 – Sabemos que com o atual contexto pandêmico todos nós fomos obrigados a nos reinventar, seja no trabalho, nos estudos, ou até mesmo na vida pessoal. Como você, enquanto educador, conseguiu se reinventar a fim de desenvolver o seu papel?

P1: “Através de colocar as atividades e plano mensal no computador e enviar pra a unidade escolaridade a direção imprimia e as crianças iam buscar duas atividades no diz dos kit alimentar.”

P2: “Todos tivemos que reforçar os conhecimentos tecnológicos e aplicar de forma objetiva aos alunos.”

P3: “De forma criativa, buscando o contato com pais e alunos por meio do watsApp, por email e on-line”.

P4: “Buscando em aplicativos conteúdos complementares atrativos para interagir os alunos no processo ensino–aprendizagem. Está sendo muito importante também ouvir o que o aluno tem para transmitir sobre seus sentimentos, pois assim fica fácil buscar soluções para que o interesse aumente a cada dia.”

P5: “Venho utilizando os meios possíveis para atingir o maior número de alunos. Me comunico com eles diariamente via grupo da turma no watsApp seguindo um roteiro que disponibilizo semanalmente com atividades nos livros que foram entregues no início do ano e apostilas que entrego men-

salmente aos responsáveis na escola. Diariamente mando vídeos explicativos, leituras, desenhos animados, músicas, tudo o que encontro na internet que possa facilitar a compreensão do que está sendo proposto. Eles me mandam vídeos, áudios e fotos dando retorno do que trabalhamos e até para matarmos um pouquinho a saudade. Mando a correção através de fotos e, quando necessário, faço considerações no privado. Combinamos um prazo de 24h para enviarem as fotos das atividades prontas e, em seguida envio a correção. Alguns mandam as atividades no fim de semana porque os responsáveis por motivo de trabalho, às vezes, precisam de um tempo maior para auxiliar as crianças em casa com as tarefas.”

P6: “Estamos fazendo blocos de atividades.”

P7: “Procurei está atenta a toda situação, levando para os alunos material impresso, para que eles tivessem a oportunidade de ter aulas remotas e não ficarem sem acesso a educação.”

4 – Quais as dificuldades encontradas durante esse percurso?

P1: “Pra mim foi um grande desafio na internet devido a dificuldades de conseguir precisava do meu filho me auxiliando e conseguia realizar e encaminhar as tarefas pra unidade escolar sempre em dia pelo meu comprometimento e respeito pelos alunos e com a direção procurando dar o meu melhor.”

P2: “Inicialmente a própria tecnologia. Pouco apoio da instituição e gastos com material não fornecido”.

P3: “Sanar os problemas que ocorrem em casa, quando os responsáveis não conseguem resolver. Os alunos ficam muito perdidos.”

P4: “Aprender a utilizar os recursos tecnológicos tão de repente, envolver os alunos e principalmente demonstrar para os pais a importância da participação deles neste processo.”

P5: “Muitas. Cada dia avançamos e recuamos. Não tem uma regularidade. Faltam recursos para as crianças acompanharem as aulas on LINE, compreensão dos responsáveis sobre a importância do esforço nesse processo. São infinitas dificuldades.”

P6: “A dificuldade encontrada é não ter contato com outras colegas para trocar idéias em relação ao trabalho.”

P7: “Pude perceber que os pais não tem o conhecimentos bastante para entender ,que a educação é um direito do aluno.. Eles não podem ficar sem aula, ou qualquer tipo de ensino. Muitos não iam pegar as atividades.”

5 – Quais atividades vêm sendo desenvolvidas nessa nova modalidade de ensino?

P1: “Todas.”

P2: “Atividades impressas e entregues aos responsáveis.”

P3: “Vem sendo desenvolvidas todas as atividades, embora muitas vezes não seja possível ajudar os alunos, por não estar em aula presencial, visto que aparecem as dificuldades. É feito o máximo para que sejam sempre sanadas as dificuldades.”

P4: “Atividades em apostilas, impressas, elaboração de projetos, lúdico sempre presente para o complemento dos conteúdos explorados.”

P5: “Tento manter o mesmo ritmo de atividades que tínhamos presencialmente, mas as atividades de leitura, parecem ser as de maior dificuldade no desenvolvimento. A ausência da interação entre eles também faz muita falta.”

P6: “Blocos de atividades.”

P7: “Tudo dentro dos conteúdos exigidos pela Smece, de maneira mais simples, mas que pudessem entender e resolver com os responsáveis.”

6 – Você considera que essa nova modalidade de ensino tem sido eficiente no que diz respeito ao processo de ensino–aprendizagem?

P1: “Não. POIS muitos pais não sabiam orientar os seus filhos e procuravam ligar pedindo auxílio, pois muitos mal tem o ensino primário. Nada como aula presencial.”

P2: “Totalmente ineficiente, principalmente para o ciclo em questão.”

P3: “Não.”

P4: “Em partes sim. Entendo que nas redes privadas o envolvimento e a cobrança estão presentes diariamente. Nas redes públicas não vejo interesse por parte do poder público para viabilizar uma forma de estudo para os alunos e também por englobar vários aspectos sociais.”

P5: “Não. Tem sido o único caminho possível, mas as dificuldades que se apresentam atrapalham muito o processo. Em alguns casos até inviabilizam, pois acaba sendo muito excludente por exigir recursos que muitos não têm disponíveis.”

P6: “Não.”

P7: “Não!, pois são poucos que tem acesso a internet nem todos conseguem pegar as atividades. Então, pra mim está bem longe dessa aprendizagem digital ou remota!!”

7 – Qual sua concepção a respeito do letramento digital? Você se considera uma pessoa letrada digitalmente?

P1: “Não !Caminhando com ajuda.”

P2: “Não. Ainda em desenvolvimento.”

P3: “Visto que não fomos preparados para este tipo de aula com crianças, tenha dificultado bastante, mesmo porque não houve tempo para capacitação. Não.”

P4: “Acredito que o letramento digital precisa ser explorado através de vários contextos para que os alunos possam, através de vários tipos de textos, compreender os sentidos das palavras. Sim.”

P5: “Não me considero uma pessoa com pleno domínio deste universo digital. Estou caminhando junto com eles, aprendendo e vencendo os obstáculos a cada dia. O positivo é que acaba se abrindo uma cortina de possibilidades para novas aprendizagens para todos os envolvidos. O problema é ter que arcar com os custos disso, pois não temos nenhum suporte por parte do poder público para ofertar esta nova modalidade de ensino.”

P6: “Sim.”

P7: “Não. Não né considero, porém tenho que me adequar a realidade existe no momento. A prioridade são os alunos, o que não consigo, peço ajuda a quem sabe, para me fazer entender. Acho que o letramento digital é uma dificuldade para uma grande maioria que não possui condição, para acompanhar, ou melhor, enfrentar a situação atual.”

5. Conclusão

Diante do que foi apontado anteriormente, como as pesquisas bibliográficas e a entrevista realizada com alguns professores do ciclo alfabetizador, podemos concluir que a exclusão digital ainda é um problema que perpetua em nossa sociedade. Mesmo com muitos avanços tecnológicos, ainda não se vê indivíduos essencialmente letrados.

Podemos provar tal fato, através dos professores alfabetizadores entrevistados, onde 5 professores não se consideram letrados digitalmente. Apesar do contexto pandêmico ter exigido soluções emergenciais, é de suma importância que os professores dominem as tecnologias digitais e as utilizem como ferramentas para potencializar as práticas pedagógicas.

No entanto, sabemos que há muitas dificuldades, foi relatado pelos professores, sendo assim, seria interessante haver políticas públicas que se preocupassem com essa questão com o objetivo de formar professores letrados digitalmente, a fim de garantir uma educação mais profícuca, tanto no contexto pandêmico, como no pós-pandêmico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

COSCARRELLI, C. V. Alfabetização e letramento digital. In: COSCARRELLI, C. V., RIBEIRO, A. E. (Org.). *Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.

FREITAS, M.T. Letramento digital e formação de professores. *Educação em Revista*, v. 26, n. 03, Belo Horizonte, dez. 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982010000300017 Acesso em: 29 out. 2020.

IBGE educa jovens: Conheça o Brasil – População EDUCAÇÃO. [S. l.], 2020. Disponível em: [https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html#:~:text=Um%20dado%20importante%20sobre%20educa%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A9%20o%20percentual%20de%20pessoas%20alfabetizadas.&text=A%20taxa%20de%20analfabetismo%20para,\(3%2C6%25\)](https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html#:~:text=Um%20dado%20importante%20sobre%20educa%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A9%20o%20percentual%20de%20pessoas%20alfabetizadas.&text=A%20taxa%20de%20analfabetismo%20para,(3%2C6%25)). Acesso em: 19 nov. 2020.

PIMENTEL, F. S. C. Letramento digital na cultura digital: o que precisamos compreender?. *Revista EDaPECI*, 18.1 (2018). Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6711176>. Acesso em: 29 out. 2020.

PRENSKY, M. Nativos digitais, imigrantes digitais. *On the Horizon*, 9(5), 2001. Disponível em: <http://files.joao-carlos-ead.webnode.com/200000015-88823897c1/Prensky%20-%20Imigrantes%20e%20nativos%20digitais.pdf>. Acesso: 23 nov. 2020.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educação e Sociedade: Campinas*, v. 23, n. 81, p.143-60, dez. 2002.

_____. *Alfabetização e letramento*. 7. ed. São Paulo: 2020. 192p.